A marca de quem resiste: O movimento pixo como resposta ao silenciamento urbano no Memorial da Resistência[1]

Kaio Jailson Gomes Braz[2]
Paula Apolinário Zagui[3]
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO
As intervenções urbanas nas cidades podem se apresentar como ferramentas de resistência e demarcação territorial. Assim, a presente pesquisa busca entender como o pixo no Memorial da Resistência de Mossoró pode ser uma ferramenta de resistência contra as práticas de silenciamento urbano. Através de um estudo de caso (Yin, 2005) com base nas teorias de Pereira (2005) sobre o pixo com "x", Pesavento (2002) em relação à higienização urbana e Canevacci (1997) sobre a Cidade Polifônica, foi possível perceber como a presença desses indivíduos contraria o que é entendido como belo na cidade e permite a demarcação de um território que também é deles por direito.

PALAVRAS-CHAVE: pixo; Memorial da Resistência; silenciamento; folkcomunicação; cidade.

O PIXO NO MEMORIAL DA RESISTÊNCIA COMO EXPRESSÃO DE PRESENÇA E ENFRENTAMENTO DO SILENCIAMENTO URBANO

Os corpos que movimentam a arte e a resistência nas cidades por muitas vezes não são vistos, ouvidos e respeitados. Dessa premissa nasceu a intervenção artística do pixo com x, que, para Pereira (2005, p. 9) "expressaria o modo com que se apropriam da cidade, que não teria relação com os significados apontados pelo dicionário Aurélio para o verbo pichar [...]". Comumente desenvolvido por pessoas pretas e situadas nas periferias urbanas, esse movimento também clama pela atenção da centralidade, que não os permite chegar até ela. Assim, a barreira intangível criada nessas interações torna o pixo uma intervenção ainda mais potente na resistência contra silenciamentos enfrentados na cidade. Beltrão (1960) defendia que a folkcomunicação – a comunicação das camadas populares da sociedade – poderia funcionar como ferramenta de resistência cultural frente às grandes mídias, sendo produzida sobretudo por pessoas marginalizadas, ou seja, aquelas que estão longe das áreas centrais dos espaços urbanos

[1] Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Organizacional, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.
[2] Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UERN, email: kaiogomes@alu.uern.br
[3] Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UERN, email: paulazagui@uern.br

e longe das áreas de poder na mídia. No entanto, ela também poderia se configurar como uma ferramenta de transformação social, como vemos no pixo, que permite que esses indivíduos expressem resistência e presença na cidade. Dessa forma, a presente pesquisa busca entender a problemática: Como a manifestação do pixo no Memorial da Resistência de Mossoró se configura como uma ferramenta de resistência contra as práticas de silenciamento urbano?

Para observar e analisar esses processos, nos baseamos nos pensamentos de Souza (2007) e Pereira (2005), que estudam a manifestação do pixo e suas influências na cidade, Pesavento (2002), no que tange às problemáticas das tentativas de silenciamento e higienização nas cidades, e Canevacci (1997), visto que as múltiplas vozes que compõem Mossoró também a configuram como uma Cidade Polifônica. Já quanto aos procedimentos metodológicos, adotamos o estudo de caso, conceituado como "uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real" (Yin, 2005, p. 32), no Memorial da Resistência de Mossoró, visando identificar as manifestações do pixo na praça e os processos comunicacionais decorrentes de suas presenças.

O Memorial da Resistência é um museu à céu aberto situado em uma praça na Avenida Rio Branco, conhecida como o Corredor Cultural de Mossoró. Ele foi criado para lembrar e contar a história de Mossoró, especialmente o momento em que a cidade enfrentou e expulsou o Bando de Lampião. O local foi pensado também para valorizar a cultura e a memória do povo mossoroense. No entanto, com o passar dos anos, ele passou a ser ocupado por diversos grupos minoritários, como pessoas LGBTQIAPN+ e a comunidade preta, sendo hoje em dia um centro de convivência e encontro sobretudo por jovens da cidade, que constroem novos processos de folkcomunicação naquele ambiente. Os motivos que levaram a essa ocupação foram, sobretudo, decorrentes de um processo de resistência ao silenciamento urbano que estava acontecendo no Memorial. Além da retirada proposital de grupos indesejados de determinados ambientes, a higienização das cidades e o silenciamento dos que a ocupam também pode ocorrer através do descaso intencional partido da administração desses ambientes (Pesavento, 2002). Na Avenida Rio Branco, a Prefeitura de Mossoró passou a dar ênfase e estrutura de qualidade para outros ambientes, como a Praça da Convivência e demais centros comerciais existentes na região, enquanto o Memorial foi deixado de lado, o que

causou um verdadeiro sucateamento estrutural e simbólico, visto que esse se tornou um espaço considerado pela centralidade mossoroense como "sujo", "feio" e "perigoso". Essa falta de políticas públicas para a manutenção de um ambiente ocupado majoritariamente por grupos minoritários reforça também os estereótipos e preconceitos já sofridos por eles, afinal, "a arquitetura é um modo de pensar sem linguagem ou que se expressa pela forma, que é uma maneira diferente de comunicação" (Pesavento, 2002 p.175) e essa expressão também pode ser transpassada para aqueles que estão em interação com os espaços.

Diante deste processo de silenciamento, direcionei o meu olhar para o Memorial da Resistência em busca de quais processos comunicacionais de resistência poderiam estar presentes e cheguei às intervenções visuais do pixo, dispostas em diversas áreas da praça. Nas figuras 1, 2 e 3, é possível observar algumas delas, gravadas em três superfícies completamente distintas, um muro, um poste e uma janela situada no primeiro andar do ambiente.

Figuras 1, 2 e 3 - Manifestações do pixo encontradas no memorial

Fonte: Do autor (2025).

Souza (2007) compreende a pixação enquanto um movimento que subverte os valores da cidade, permitindo que as pessoas utilizem das letras e formas gravadas com tinta spray para se mostrarem presentes naquele espaço. Essa manifestação, sobretudo tipográfica, não se importa com a estética, mas sim com o caráter político e social

impresso nela. No Memorial, é possível visualizar diferentes estilos de grafias para as assinaturas, mas quase todas as pixações são os próprios nomes de quem está naquele espaço. Por ser "[...] usualmente associada a um discurso norteado pelas noções de vandalismo, delinqüência, e poluição visual" (Souza, 2007, p.30), essa prática já se configura como um movimento de resistência e resposta aos processos de higienização que são apresentados naquela praça. Mesmo que esses indivíduos não estejam sendo vistos em todos os momentos do dia, o pixo é uma maneira de que possibilita que as pessoas da centralidade leiam seus nomes quando passarem por ali e que outros pixadores possam ver e entender o que aqueles símbolos e aquelas letras significam (Pereira, 2005). A utilização de superfícies de difícil acesso para a grafia das letras também é descrita como algo que torna o pixador mais respeitado no movimento, visto que subir em lugares altos para demarcar sua presença, por exemplo, pode garantir que sua arte também se mantenha viva por mais tempo. Foi o que aconteceu na figura 3. Esse pixador utilizou o ponto mais alto do Memorial da Resistência para afirmar que, não importa o quanto tentem silenciar o movimento, ele seguirá subvertendo as expectativas e resistindo naquele local. Além disso, vale destacar que a efemeridade de uma manifestação visual como essa possibilita também que mais indivíduos marginalizados pela sociedade possam gravar seus nomes e mostrar que aquele espaço também é deles por direito.

A partir da análise proposta, foi possível perceber como os processos de resistência na cidade podem se apresentar em diferentes escalas, até mesmo em uma praça tão pequena como o Memorial da Resistência. Os processos de resposta às tentativas de silenciamento urbano através da demarcação de presenças por meio de práticas de folkcomunicação como as intervenções visuais do pixo também se mostraram ainda mais fortes em se tratando de grupos que já são deixados à margem pela administração pública e o imaginário popular nas cidades. Perceber algo como "feio" ou "indesejado" demonstra a falta de abertura para a real possibilidade de interações que o Memorial da Resistência oferece, visto que se trata de uma praça com conteúdo museológico, histórico, cultural e, sobretudo, social. Dessa forma, o pixo nesse território (Haesbart, 2002) também se configura como um movimento que contraria o que é pensado para o "belo" e apresenta novas possibilidades de enxergar os espaços urbanos através de uma perspectiva artística também periférica. Essa pesquisa

propõe um caminho que pode ir além dos bancos do Memorial da Resistência e atravessar os múltiplos fenômenos de resistência que ainda são necessários para que o direito à cidade seja mantido e possibilitado a todos os indivíduos que a movimentam, sendo assim apenas uma porta aberta para discussões futuras sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 1, 2011.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica:** ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

HAESBART, Rogério. **Multiterritorialidade e desterritorialização:** os desafios do mundo globalizado. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2002.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **De rolê pela cidade.** Dissertação de Mestrado. PPGAS/FFLCH/USP, São Paulo/SP, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca:** etnografia e uma proposta de entendimento. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2007.

YIN, Robert. K. **Estudo de Caso:** Planejamento e métodos. (Daniel Grassi, Trans.). Porto Alegre: Bookman, 2005.